



Análise da ética jornalística na cobertura midiática de tragédias aéreas¹

Emanuele de Borba MOREIRA²

Vanessa Luiza de WALLAU³

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG

INTRODUÇÃO

De acordo com o art. 6º, do Capítulo II, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é dever do profissional “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (Fenaj, 2007, n. p.). A partir disso, é imprescindível que toda cobertura jornalística seja realizada partindo da valorização dos princípios éticos fundamentais para a produção e exibição do conteúdo midiático, a fim de honrar a conduta demandada do jornalista e garantir o bem-estar e compromisso perante a sociedade.

A reprodução de tragédias apresenta um papel importante na audiência dos meios de comunicação, refletindo o grande consumo da sociedade diante do tema. Entretanto, o fator acende uma preocupação em relação à repercussão atribuída, logo que atinge a imagem pessoal dos indivíduos envolvidos direta e indiretamente. Além disso, afeta ainda algumas das mais importantes emoções humanas: compaixão, empatia e tristeza. Desse modo, é de responsabilidade do jornalista não atribuir ao público o sensacionalismo, respeitar a dor alheia e não propagar de maneira imprudente estímulos mentais que possam causar impactos negativos.

Um estudo publicado em 2024 pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology) aponta que as viagens aéreas comerciais estão cada vez mais seguras. Os pesquisadores expõem que o risco global de fatalidade, entre 2018 e 2022, foi de 1 em 13,7 milhões e, no Brasil, 1 em 80 milhões. Diante dos dados positivos, quando casos da tragédia são registrados, principalmente ao observar o número de vítimas, a catástrofe desperta grande comoção e interesse midiático, estimulando a curiosidade da

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejeor Sul).

² Acadêmica do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Temas de pesquisa: ética, tragédias, aéreo, mídia, gênero, comunicação e sociedade. Email: ebmoreira1@minha.fag.edu.br

³ Professora orientadora. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: vanessaluiza@fag.edu.br



população. Um exemplo recente disto é o acidente aéreo de Vinhedo, no interior de São Paulo, registrado em 9 de agosto de 2024, que vitimou 62 pessoas.

A partir desse contexto, o papel da imprensa perante a sociedade se torna ainda mais impactante. Enquanto as investigações desse tipo de tragédia costumam ser longas e complexas, a população busca por respostas imediatas, fazendo com que o jornalista tenha um papel fundamental para atender essa demanda com credibilidade, responsabilidade e clareza.

O objetivo do presente trabalho é analisar a atuação do jornalismo diante a temática por meio da análise bibliográfica de autores especializados na área, a fim de refletir sobre o equilíbrio e o dever de informar, buscando identificar as práticas éticas adotadas, os conflitos enfrentados na cobertura de tragédias e uma reflexão crítica sobre a responsabilidade e o papel social dos meios de comunicação frente a acontecimentos traumáticos e situações de crise. O estudo aqui proposto baseia-se nas acepções de pesquisa científica de Antônio Carlos Gil (2008), adotando uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica. O autor em questão propõe a definição do problema, levantamento bibliográfico, análise e interpretação dos dados coletados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Kovach e Rosenstiel (2003, p. 36) refletem que se faz necessário que jornalistas sejam criadores de sentido, com o objetivo de “ajudar o público a navegar em um dilúvio de informações”. Mesmo diante da urgência noticiosa, o profissional deve priorizar a busca pela verdade, verificação rigorosa de informações e minimização de danos, evitando a exploração emocional de tragédias e respeitando a privacidade dos envolvidos. Ou seja, o compromisso ético não se limita à veracidade dos fatos, mas também ao modo como eles são narrados e contextualizados ao público. Desse modo, percebe-se que o desafio central é equilibrar a garantia do direito à informação sem que a mesma se sobreponha aos direitos humanos fundamentais dos envolvidos.

Encorajamos os jornalistas a estar atentos ao impacto do trauma psicológico e como este pode atingir desde as vítimas e sobreviventes até aos jornalistas, amigos, comunidades locais e nações inteiras – em último caso, até mesmo aos repórteres e a quem lhes fornece apoio técnico e editorial. Por fim,



também os colegas e família do repórter podem ainda sentir o longo alcance destes estilhaços (Brayne, 2008, n. p.).

Acidentes aéreos representam traumas coletivos, podendo significar a dor conjunta de diversas famílias, dos mais diferentes locais e culturas. Mesmo aqueles que não estão envolvidos na tragédia, se veem bombardeados por sentimentos, pois, segundo Bauman (2008, p. 10), esses eventos despertam sentimentos de identificação e vulnerabilidade coletiva, o que faz com que a comunidade reflita sobre a fragilidade da existência humana. No momento em que a cobertura jornalística é realizada, intensifica-se essa experiência emocional, logo que a produção midiática aproxima o público ao acontecimento.

Muitos editores, especialmente da imprensa mais popular, adoram promover este tipo de trabalho jornalístico. Acreditam que fotografias de mãos destroçadas, pais enraivecidos ou colegas de escola abalados, é exatamente aquilo que os leitores e espectadores querem. Apesar de todas as reservas éticas que possamos ter quanto à sua exploração mediática, há que reconhecer claramente que o trauma é bom para o negócio das notícias, na medida em que faz disparar audiências e vendas. Histórias de violência (...) e tragédia - a experiência imediata, a preparação, as consequências – ocupam provavelmente 60-70% das notícias. Como afirmou um dia um jornalista americano: *If it bleeds, it leads* (“Se há sangue, há notícia”) (Brayne, 2008, n. p.).

No local da tragédia, há de se encontrar uma fila de jornalistas e cinegrafistas, os mesmos que estão apontando os microfones e câmeras aos sobreviventes em choque, famílias e amigos desconsolados. Essas pessoas são questionadas sobre um trauma que mal foi compreendido ainda. Brayne (2008, n. p.) diz que aos profissionais falta, muitas das vezes, uma observação sobre o quão inapropriada e dolorosa a atitude em questão pode ser: “Não é pois surpreendente que a resposta que recebem seja, não poucas vezes, uma cascata de lágrimas, espasmos de dor ou manifestações de ira”.

Segundo Brayne (2008, n. p.), “o jornalismo tem perante si próprio a responsabilidade profunda de procurar entender a violência e o trauma, e de ajudar a humanidade a perceber e nomear as suas causas e consequências”. Portanto, torna-se fundamental a prática contínua da transformação cultural jornalística tradicional, de maneira que os comunicadores recebam formação específica sobre jornalismo de trauma, a fim de compreender o impacto psicológico dos eventos traumáticos em



indivíduos, comunidades e nações, determinando assim a ação como parte integrante da progressão de carreira.

Brayne (2008) ressalta ainda que os profissionais precisam de estudos específicos que abrangem técnicas de entrevista sensível e práticas responsáveis para construção de narrativas e reportagens que se refiram a um trauma. Para isso, é necessário usar “responsabilidades jornalísticas básicas (...), de forma a não as embelezar ou exagerar, ou algo ainda mais comum, estarem atentos à precisão e autenticidades, aos detalhes e às frases” (Brayne, 2008, n. p.).

A atual cobertura midiática de tragédias aéreas evidencia um conflito comum no jornalismo: o dever ético de informar e a busca por audiência. Ao mesmo tempo em que a imprensa tem o papel de esclarecer fatos e reproduzir informações confiáveis à sociedade, muitas vezes práticas sensacionalistas podem ser encontradas e, consequentemente, as mesmas potencializam a dor e o sofrimento das vítimas e seus familiares. Dessa forma, a ausência de formação adequada em jornalismo perante a temática, conforme destacada por Brayne (2008 n. p.), torna-se um fator que contribui para práticas profissionais que podem ferir princípios éticos e fornecer resultados negativos em um ambiente que deveria ser seguro para a população.

CONCLUSÃO

O jornalista, ao exercer o trabalho de comunicador, precisa ter como papel essencial ser um facilitador e intermediário, guiando a comunidade até diálogos e resoluções. “Afim de contas, o jornalismo constrói mais do que um primeiro esboço da história. Cria, nos seus consumidores, um “primeiro esboço” da consciência do mundo em que vivem, para lá do seu ambiente e experiência imediatas” Brayne (2008 n. p.).

As organizações noticiosas precisam de ser encorajadas a denunciar e a explorar jornalisticamente aquilo a que no Dart Centre chamamos de “Acto II” do trauma – a história do que aconteceu a seguir, a continuação do “Acto I”, que é marcado pelo imediatismo da erupção da violência, dos ferimentos e da dor aguda. Por vezes, a história do “Acto II” é feita de culpa e de sofrimento, mas pode também tornar-se numa narrativa de recuperação e resistência graduais (Brayne, 2008, n. p.).



A partir da análise aqui proposta, conclui-se então que a cobertura jornalística de tragédias aéreas requer não apenas rigor técnico e informativo, mas sobretudo uma atuação pautada na ética, no respeito à dor alheia e na responsabilidade social. A formação dos jornalistas em temas relacionados ao trauma torna-se essencial, tal como o investimento em treinamentos, protocolos de cobertura e reflexão ética dentro das empresas do meio de comunicação, sendo um passo fundamental para alinhar o exercício jornalístico aos princípios estabelecidos no FENAJ, 2007.

A imprensa, ao assumir esse compromisso, fortalece sua credibilidade e cumpre com respeito seu papel democrático. Afinal, segundo Brayne (2008 n. p.), “é tempo de mudar o entendimento e a consciência do jornalismo do trauma, e o trauma do jornalista. Os primeiros passos já foram dados”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRAYNE, Mark. Emoções, trauma e bom jornalismo. **Cadernos de Estudos Africanos**, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/363>. Acesso em: 18 out. 2025.

DIZIKES, Peter. Study: flying keeps getting safer. **MIT News**, 7 ago. 2024. Disponível em: <https://news.mit.edu/2024/study-flying-keeps-getting-safer-0807>. Acesso em: 18 out. 2025.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Brasília, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 18 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.